



Cuba pós Fidel

Alexandre Santos

Reflexões sobre conseqüências imediatas da decisão de Fidel Castro de não continuar à frente do governo de Cuba.

No 19 de fevereiro de 2008, em comunicado no qual deixou claro que dispunha a “autoridade e a experiência para garantir plenamente sua substituição”, Fidel Castro tornou público que não aspirava pleitear a eleição para o cargo de Presidente junto ao Conselho de Estado a ser escolhido em 24 de fevereiro pelos 614 deputados Assembléia Nacional (a Câmara de Representantes dos EUA só tem 429 membros). Foi interessante, pois, mesmo tendo transferido os encargos executivos para Raúl Castro em 31 de julho de 2006, a decisão do presidente Fidel atizou as hostes conservadoras, que, desconhecendo a profundidade da revolução econômica e cultural cubana, prontamente imaginaram a possibilidade de ressurreição dos tempos de Fulgêncio Batista, quando a ilha funcionava como antro de jogatina, tráfico e prostituição da máfia norte-americana. Demonstrando desconhecer a realidade cubana e, mais ainda, o significado político da disposição de Fidel Castro de permanecer como “um soldado das idéias”, corvos e urubus sobejamente veiculados pelas agências internacionais de notícias animaram ilações sobre iminentes mudanças políticas e econômicas em Cuba.

Como uma orquestra afinada, a CNN, France Presse, Efe, BBC, Reuters, Associated Press e outras agências capricharam o noticiário. Ao tempo que tentavam abater a imagem de Fidel Castro, mostrando-o como um velho ditador que chegara ao poder em 1959 (nada disseram sobre a rainha Elizabeth II, que assumiu o trono da Grã Bretanha em 1953, ou sobre o clã dos Bush, que comanda largos setores dos EUA desde meados da década dos 70) e minimizar a capacidade de organização e de resistência que emergiu em Cuba desde aquela época (esmaeceram os fatores que levaram Cuba a derrotar os EUA na baía dos Porcos, a resistir ao brutal e ilegal embargo que lhe é imposto desde 1962, a conviver altivamente com a base de Guantánamo, etc.) e abarrotaram os noticiários com comentários e sugestões de que Cuba estaria prestes a passar por profundas mudanças políticas e econômicas.

E, aí, alimentando e sendo alimentada pela intensa campanha publicitária, a fina flor do conservadorismo se manifestou. George W. Bush, distribuiu nota reafirmando o embargo econômico e informando “os EUA vão ajudar o povo cubano a construir uma democracia”. Os pré-candidatos Hillary Clinton, Mike Huckabee, John McCain e Barack Obama confirmaram que, pelo menos em matéria de política externa, todos – republicanos e democratas – são iguais, dizendo que “a decisão de Fidel Castro abria caminho para profundas mudanças na organização política e econômica de Cuba” e, ainda, que “os EUA podem exercer um papel

decisivo da transição pacífica para a democracia". Com a participação de tão insígnos garotos-propaganda, a campanha cresceu e surtiu efeitos imediatos. A Guarda Costeira dos EUA lançou uma tal 'Operação Sentinela Vigilante', um plano de emergência para conter uma imaginária revoada sobre os 144 quilômetros que separa a Ilha das praias norte-americanas. Até 21 jovens cubanos residentes em Miami ocuparam as seis mesas do café Versailles para "comemorar a mudança em Cuba".

O efeito maior foi, mesmo, sobre banqueiros, grandes empresários e mafiosos.

Alguns mafiosos cogitaram reivindicar ao "novo governo democrático" indenizações pelo patrimônio confiscado em 1959 ou, pasmem, pelos anos que deixaram de fazer negócios na Ilha. Houve até quem pensasse em investir na compra títulos em moratória do governo cubano, "pois, agora, o governo democrático vai honrar seus compromissos com a banca internacional".

Nesta esteira, tentando imitar ou agradar a Casa Branca, muita gente e muitos governos falaram, repetindo, com outras palavras, as opiniões já referidas na mídia. Foi assim com os porta-vozes da Espanha, França, União Européia, Reino Unido, Peru, Chile,

O secretário-geral Ibero-americano, Enrique Iglesias, disse que "a melhor coisa que a comunidade internacional pode fazer é deixar que os cubanos resolvam por si mesmos os problemas de sua transição política, institucional e econômica".

O secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), José Miguel Insulza, afirmou que espera uma mudança interna em Cuba a partir de um "diálogo democrático e pacífico dos cubanos. Em nenhum caso deve ser forçada de fora", acrescentou. "Desejamos que isso ocorra e que Cuba possa voltar em breve ao seio da OEA".

Enquanto isso, os cubanos continuaram sua vida normalmente.

As 14 províncias e 1969 municípios estão divididos em 1.400 zonas de defesa.

Em 22 de fevereiro, em artigo publicado no Granma, Sob o título "Reflexões do companheiro Fidel", ao invés de "Reflexões do Comandante-em-Chefe", Fidel Castro explica "O que escrevi na terça, 19 e diz que sua renúncia à presidência de Cuba não provocará uma "mudança, como espera o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush.

Coincidência ou não, naquele 19 de fevereiro o preço do barril de petróleo rompeu a barreira dos US\$ 100 em Nova York e a cotação do dólar caiu cerca de 0,7% nas principais praças internacionais.

(*) Alexandre Santos é presidente do Clube de Engenharia de Pernambuco e da Academia de Letras e Artes do Nordeste.

e-mail: alexandresantos@br.inter.net